

A FRAGMENTAÇÃO DO INDIVÍDUO EM “ODE TRIUNFAL”

Vanessa dos Santos Reis (UEFS)
neu_pos@yahoo.com.br

A obra de arte necessita, provoca prazer
(Roland Barthes)

1. Introdução

O presente trabalho consistirá em uma leitura do poema “Ode Triunfal” do heterônimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, procurando vislumbrar a nova condição do poeta – tensões, angústias, problemas – diante desta nova engrenagem, a modernidade. A leitura realizada buscará ressaltar a importância do fazer literário nesse novo contexto, da fragmentação do indivíduo diante do universo problemático da cidade, universos em permanente evolução.

2. Modernidade: algumas considerações

A cidade é um dos temas mais pertinentes da História da Literatura, surgindo como motivo literário desde a emblemática Babel. É em torno das cidades que o homem constrói sua vida pessoal e sua obra literária, ela é sempre textura, trama da experiência literária, e, por traduzir as tensões entre novos e antigos valores, será sempre uma constante na poesia moderna.

A literatura modernista nasceu na cidade e, como aponta Baudelaire, é na cidade que as multidões denotam solidão. Nesse sentido, multidão *versus* solidão seriam a condição da modernidade. O poeta moderno perde a sua auréola, agora sem mitologia e sem teologia, não mais habita o Parnaso e nem se sente tocado pela graça, como tantos outros está em meio às multidões, na cidade. E, a partir desse cenário, que retirará elementos para compor sua poesia, a matéria vulgar do cotidiano ocupará o lugar dos dogmas religiosos, de teorias fantasiosas e da superstição (GULLAR, 1989, p. 8-10).

O mundo moderno apresenta uma visão contraditória das coisas, uma visão em que o homem parece estar em dois lugares ao mesmo tempo – consciente e inconsciente. Nesse sentido, o poeta fragmenta-se na busca de autonomia, de unidade, uma vez que o universo está em crise, violentado, posto bruscamente em transição. A poesia concede a esse u-

niverso um sentido irônico, dúbio, negativo (FONSECA, 2000, p. 45). É nesse ambiente que Campos irá compor a sua ode, refletindo o tempo da máquina, da urbanização e da velocidade, em que o poeta apresenta-se numa relação de pertença e não pertença.

Nesse sentido, o poeta moderno vive uma situação de deslocamento, experimentando mudanças, desvios, à margem da grande produção de bens materiais, se estabelece como uma voz que resiste ao processo de modernização, de desumanização das relações humanas. Uma engrenagem que aprisiona o sujeito moderno, que o fratura e desorganiza. “Na modernidade, o poeta coloca-se como uma voz que rompe esse bloqueio e tenta, apesar das barreiras ideológicas e materiais, restaurar as possibilidades da visão poética do mundo e das relações entre os homens...” (FONSECA, 2000, p. 46). Ainda que num contexto de contradições e crises em que se encontram as civilizações modernas, o poeta busca situar-se em meio a essa fragmentação que caracteriza a modernidade.

Sobre essas questões Berman afirma que “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. (BERMAN, 1986, p. 15). Assim, a modernidade se deve ao reconhecimento da dupla natureza do belo, isto é, ao reconhecimento também da dupla natureza do homem, da fragmentação e da ausência total de sentido.

3. *Ode triunfal: leitura*

Álvaro de Campos é considerado como o mais indisciplinado heterônimo de Fernando Pessoa, levado pelo arrebatamento, pela livre manifestação de sentidos, dos impulsos e do pensamento. Na primeira fase de sua obra poética, apresenta características do decadentismo-simbolista, exprimindo angústia e pessimismo diante do caos da modernidade. A partir daí é influenciado pelo Futurismo, apresentando um estilo febril decorrente do progresso urbano.

A “Ode triunfal” tornou-se um prenúncio do modernismo ao enfatizar a alucinação futurista e a ânsia do novo, da velocidade. Como todo moderno, Campos escreve em busca de uma nova linguagem, de liberdade de expressão, num ritmo alucinado “À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica”, mostrando o entusiasmo por uma poesia que

retratasse a civilização industrial da época. Nesse sentido, entrega-se a ânsia futurista de Marinetti, cantando o progresso e a vida moderna de forma desordenada, febril, da dependência da circunstância exterior, das sensações do momento, para sentir o terror e mistério de todas as coisas.

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto totalmente
desconhecida dos antigos.
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

(PESSOA, 2006, p. 306)

Nesses versos, Campos descreve a modernidade com rapidez e exatidão de crítica, apontando para a chegada de novos tempos, da novidade da fábrica, do desenvolvimento da vida urbana. Rapidez que é percebida pela velocidade mental com que anuncia os novos tempos e exatidão por apresentar a modernidade como “um projeto bem definido e calculado”, pela evocação de imagens visuais nítidas, “uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação”. (CALVINO, 1990, p. 71-72).

Quando afirma ser “dolorosa a luz das grandes lâmpadas”, Campos apresenta peso ao citar a dor e a febre com que escreve, e leveza ao falar da “beleza disto tudo” / da luz das grandes lâmpadas”, da novidade, numa relação marcada pelas contradições que permeiam o estar no mundo, vivenciada pelos modernistas. O poema revela um novo comportamento do homem com o mundo e com os outros homens, o século XX apresenta uma sociedade cada vez mais acelerante.

Em outros versos da “Ode Triunfal” também se pode encontrar o peso de conviver em meio aos símbolos do novo, das máquinas, o desconcerto do poeta diante de todas essas engrenagens como em “De vos ouvir demasiadamente de perto / E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso”. Além da rapidez com que canta a modernidade ao utilizar das onomatopeias “r-r-r-r-r-r” aludindo-se à velocidade das máquinas, dos veículos e do progresso. Com poucos elementos, Campos traz a modernidade, a expressão da contemporaneidade.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tendo os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

(PESSOA, 2006, p. 306)

A visibilidade de elementos da modernidade é percebida nos seguintes versos “Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria! / Em fúria fora e dentro de mim”. Visão de desajuste frente a todas essas transformações, de observação.

A presença da multiplicidade de elementos, de coisas e de pessoas também pode ser facilmente percebida nos versos de Álvaro de Campos. Ao cantar as máquinas, sua poesia é iniciada sob o signo do libertador e da paixão pela diversidade das coisas (rodas, engrenagens) elementos que caminham juntos para designar um novo significado – a modernidade, a chegada de uma nova era, a das máquinas, a chegada do progresso. Nesse sentido, o grande turbilhão da vida moderna vem sendo alimentado por grandes descobertas nas ciências, na industrialização que transformam esse conhecimento científico em tecnologia, criam novos ambientes e destroem os antigos, acelerando o ritmo a vida, gerando novas formas de poder e de lutas de classes; explosão demográfica que arranca milhões de pessoas de suas antigas moradias. Essa multiplicidade de elementos vai compondo os novos tempos, a nova paisagem.

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical -
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços de Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes
[volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

(PESSOA, 2006, p. 306)

Apresenta-se uma rede de conexões entre os fatos, de multiplicidade – passado e futuro – entre as pessoas, entre as coisas do mundo. "O presente, e também o passado e o futuro / Porque o presente é todo o passado e todo o futuro" / "dentro das máquinas e das luzes elétricas" e "os pedaços de Alexandre Magno do século talvez cinquenta", e os "Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem", figuras simbólicas que devem ser trituradas pelas máquinas, como parte do pró-

prio dinamismo delas. E assim como Emilio Gadda, Álvaro de Campos busca “representar o mundo como um rolo, uma embrulhada, um aranzel, sem jamais atenuar-lhe a complexidade inextricável” – ou, melhor dizendo, a presença simultânea dos elementos mais heterogêneos que concorrem para determinação de cada evento.

He-la as ruas, he-lá as praças, He-la-ló *la foule!*
Tudo o que passa, tudo o que pàra às montras!
Comerciantes; vadios; *escrocs* exageradamente bem-vestidos;
Membros evidentes de clubes burocráticos;
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
Presença demasiadamente acentuada das cocotes;
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
Que andam na rua com um fim qualquer,
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
E afinal tem alma lá dentro!

(PESSOA, 2006, p. 307)

Álvaro de Campos segue em sua viagem pela cidade, recorrendo a estrangeirismos franco-britânicos, apreendendo tudo nessa viagem de sensações. Fala dos comerciantes, dos chefes de família, da presença das cocotes, das burguesinhas e de toda gente, múltiplos e indivíduos. Multiplicidade, rapidez, exatidão e visibilidade. Multiplicidade de tipos; exatidão na descrição do novo cenário – do cosmopolitismo; rapidez com que revela a velocidade do progresso; visibilidade ao fazer-nos constituir essa cena, de fazer-nos imaginar.

Nesse contexto da crescente burguesia industrial, em decorrência das grandes inovações – luz elétrica, avanço científico, do automóvel, o poeta retoma o movimento futurista proposto por Marinetti, ampliando o seu horizonte no sentido de ressaltar a situação do indivíduo em meio a essas novidades, desintegrado diante dessas mudanças. Tem-se a presença da concisão, no sentido da retomada de ideias, contudo produzindo outro significado.

Essa pluralidade de elementos e discursos é o resultado da “Ode Triunfal”, em que Campos se encontra na fábrica, num estado febril e inicia um processo de identificação com “os maquinismos em fúria”. Mas não só as máquinas fascinam o poeta, também as populações miseráveis dos grandes centros urbanos “e a gente ordinária e suja, que parece sem-

pre a mesma”, por se tratar de gente esquecida pelo progresso. O poeta ironiza esse cosmopolitismo, numa relação de euforia e disforia com a vida urbana, Campos exalta a totalidade da vida urbana moderna, impregnada de tecnologia e multidão.

4. Conclusão

Todo esse universo consegue traduzir leveza, multiplicidade, exatidão, rapidez, valores que possibilitam ao texto literário corresponder às necessidades do nosso tempo, que nos permitem refletir sobre as experiências humanas, mas sem a sensação de passadismo.

Álvaro de Campos é o homem das máquinas, das fábricas, da energia elétrica, da velocidade, mas também é fragmentado, inadaptado, por isso transporta para este poema toda a gama de sensações, mesmo as que provêm de grupos marginais. Todavia, a sua atitude transbordante não esconde a manifestação de uma crise, que é, de certa maneira, a doença da civilização moderna. O poeta busca então a sua pertença na cidade moderna, ainda que pela observação crítica e irônica, através de seu discurso deslocado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Iorate. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

FERREIRA, Gullar. *Indagações de hoje*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1989.

FONSECA, Aleilton. O poeta na metrópole: expulsão e deslocamento. In: ____; PEREIRA, Rubens Alves (Orgs.). *Rotas e imagens*: Literatura e outras linguagens. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2000, p. 43-55.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.